

Católicos e Protestantes de acordo sobre a Eucaristia

Após vários anos de esforços, o "Grupo de Dombes", assim chamado por ter começado a se reunir na Trapa de Dombes (França), — fundado em 1937 pelo padre Couturier, chegou, por ocasião do seu encontro de 6 a 9 de setembro de 1971, a um acordo substancial sobre a Eucaristia. Eis o texto deste acordo, assinado por 32 teólogos protestantes e católicos. (Documentation Catholique) de 2-4-72. Traduzido e publicado por SEDOC.

1. Hoje, quando os cristãos celebram a Eucaristia e anunciam o Evangelho, eles se sentem cada vez mais irmãos no meio dos homens, com a missão e a impaciência de dar juntos testemunho ao mesmo Cristo, pela palavra, pela ação e pela celebração eucarística. Eis por que, já há alguns anos, o Grupo de Dombes vem examinando o sentido e as condições da abertura eucarística mútua e da celebração comum.

2. Uma condição particularmente importante desta partilha da mesa do Senhor é um acordo substancial sobre o que ela é, apesar das diversidades teológicas.

3. O Grupo de Dombes retomou por sua conta o texto do acordo Fé e Constituição (1968), buscando clarificá-lo, adaptá-lo e completá-lo em função da situação interconfessional hoje em França.

I. A Eucaristia, refeição do Senhor

4. A Eucaristia é a refeição sacramental, a nova refeição pascoal do Povo de Deus, que Cristo, tendo amado os seus discípulos até o fim, deu-lhes antes de sua mor-

te para que eles o celebrem à luz da Ressurreição até que ele venha.

5. Esta refeição é o sinal eficaz do dom que Cristo faz de si próprio como pão de vida através do sacrifício de sua vida e de sua morte, e por sua ressurreição.

6. Na Eucaristia, Cristo cumpre de maneira privilegiada sua promessa de se tornar presente àqueles que se reúnem em seu nome.

II. A Eucaristia, ação de graças ao Pai

7. A Eucaristia é a grande ação de graças ao Pai por tudo o que ele realizou na criação e na redenção, por tudo o que cumpre agora na Igreja e no mundo apesar do pecado dos homens, por tudo o que ele quer cumprir pela vida de seu reino. Assim, a Eucaristia é a bênção (berakah) pela qual a Igreja exprime seu reconhecimento para com Deus por todos estes benefícios.

8. A Eucaristia é o grande sacrifício de louvor no qual a Igreja fala em nome de toda a criação. Porque o mundo que Deus

reconceitou consigo mesmo está presente no momento de cada Eucaristia: no pão e no vinho, na pessoa dos fiéis e nas orações que eles oferecem por todos os homens. Assim a Eucaristia abre ao mundo o caminho de sua transfiguração.

III. A Eucaristia, memorial de Cristo

9. Cristo instituiu a Eucaristia como o memorial (anamnese) de toda a sua vida, e sobretudo de sua cruz e de sua ressurreição. Cristo, com tudo o que cumpriu para nós e para toda a criação, está ele próprio presente neste memorial, que é também antegozo de seu reino. O memorial, em que Cristo age através da celebração alegre de sua Igreja, implica esta re-apresentação e esta antecipação. Não se trata por conseguinte somente de trazer à memória um acontecimento do passado ou mesmo sua significação. O memorial é a proclamação efetiva pela Igreja da grande obra de Deus. Pela sua comunhão com Cristo, a Igreja participa desta realidade de que ela vive.

10. O memorial, como reapresentação e antecipação, se vive na ação de graças e na intercessão. Cumprindo o memorial da paixão, da ressurreição e da ascensão de Cristo, nosso sumo sacerdote e intercessor, a Igreja apresenta ao Pai o sacrifício único e perfeito de seu Filho e lhe pede para atribuir a cada homem o benefício da grande obra da redenção que ela proclama.

11. Assim, unidos a nosso Senhor que se oferece a seu Pai e em comunhão com a Igreja universal no céu e sobre a terra, somos renovados na aliança selada pelo mesmos em um sacrifício vivo e santo sangue de Cristo, e nos oferecemos a nós que deve exprimir-se em toda a nossa vida quotidiana.

12. O memorial de Cristo é o conteúdo essencial da palavra proclamada como Eucaristia. Não se celebra a Eucaristia sem anunciar a palavra, porque o ministério da palavra visa a Eucaristia e, reciprocamente, esta pressupõe e cumpre a palavra.

IV. A Eucaristia, dom do Espírito

13. O memorial, no sentido forte que lhe demos, supõe a invocação do Espírito (epiclese). Cristo, na sua intercessão ce-

leste, pede ao Pai para enviar seu Espírito a seus filhos. Por esta razão, a Igreja, vivendo na Nova Aliança, reza com confiança para obter o Espírito, a fim de ser renovada e santificada pelo pão de vida, conduzida em toda a verdade e fortalecida para preencher sua missão no mundo.

14. É o Espírito que, invocado sobre a assembleia, sobre o pão e o vinho, nos torna Cristo realmente presente; não-lo dá e não-lo leva a discernir. O memorial e a invocação do Espírito (anamnese e epiclese), que estão orientados para nossa união a Cristo, não podem ser efetivadas independentemente da comunhão.

15. O dom do Espírito Santo na Eucaristia é um antegozo do reino de Deus — a Igreja recebe a vida da nova criação e a garantia da volta do Senhor.

16. Reconhecemos o caráter epiclético de toda a oração eucarística.

V. Presença sacramental de Cristo

17. A ação eucarística é dom da pessoa de Cristo. Com efeito, o Senhor disse: "Tomai e comei, isto é meu corpo entregue por vós". "Bebel todos, porque isto é meu sangue, o sangue da aliança derramado pela multidão para a remissão dos pecados". Confessamos pois unanimemente a presença real, viva e ativa de Cristo neste sacramento.

18. O discernimento do corpo e do sangue de Cristo requer a fé. No entanto, a presença de Cristo à sua Igreja na Eucaristia não depende da fé de cada um, porque é o próprio Cristo que liga a si próprio, por suas palavras e no Espírito, ao acontecimento sacramental, sinal de sua presença que nos é dada.

19. O ato de Cristo sendo dom de seu corpo e de seu sangue, isto é, dele próprio, a realidade dada sob os sinais do pão e do vinho é seu corpo e seu sangue. (1) É em virtude da palavra criadora de Cristo e pelo poder do Espírito Santo que o pão e o vinho se tornam sacramento

(1) Isto não significa nem localização de Cristo no pão e no vinho, nem mudança físico-química destas coisas. Cf. S. Thomas, S.T. III, 76,3 a 5 e III, 77,5 a 8; Calvin, *Inst. Chret.*, I, 11, 13 e IV, 14, 18.

e por conseguinte "comunicação do corpo e do sangue" de Cristo (1 Cor 10,16). Eles são doravante, na sua última verdade, sob o sinal exterior, a realidade dada, e o permanecem em vista de sua consumação. O que é dado como corpo e sangue de Cristo permanece dado como corpo e sangue de Cristo, e pede para ser tratado como tal.

20. Constatando a diversidade de prática das Igrejas (2), mas tirando as conseqüências do acordo precedente, em vista da conversão (metanóia) eclesial que é reconhecida como necessária (cf. tese n.º 2 de 1969 e teses de 1970, pedimos:

— que, do lado católico, seja lembrado, sobretudo na catequese e na pregação, que a intenção primeira da reserva eucarística é a distribuição aos doentes e aos ausentes;

— que, do lado protestante, se ponha em prática a melhor maneira de testemunhar o respeito devido aos elementos que serviram para a celebração eucarística: isto é, sua consumação ulterior, sem excluir seu uso para a comunhão dos doentes.

VI. A Eucaristia, comunhão ao corpo de Cristo.

21. Dando-se aos que comungam, Cristo os reúne na unidade de seu corpo. É neste sentido que se pode dizer: se a Igreja faz a Eucaristia, a Eucaristia faz a Igreja. A partilha do mesmo pão e da mesma taça faz a unidade dos que comungam com Cristo todo inteiro, entre eles e com todos os outros comungantes em todos os tempos e todos os lugares. Partilhando o mesmo pão, eles tornam manifesta sua pertença à Igreja em sua catolicidade, o mistério da redenção se revela a seus olhos e o corpo todo inteiro cresce em graça. A comunhão é assim a fonte e a força de toda a vida comunitária entre cristãos.

22. Cristo derrubou por sua cruz todos os muros que separavam os homens. Não podemos por conseguinte comungar nele na verdade, sem trabalhar para que desapareçam, no meio dos conflitos em que nos vemos comprometidos, os muros que se elevam na Igreja entre raças, nacionalidades, línguas, classes, confissões...

(2) Certas Igrejas orientais (copta, por exemplo) não praticam a reserva eucarística.

23. De acordo com a promessa de Cristo, cada fiel membro de seu corpo recebe na Eucaristia a remissão dos próprios pecados e a vida eterna, e é nutrido na fé, na esperança e no amor.

24. A solidariedade na comunhão eucarística ao corpo de Cristo (agapé) e o cuidado que os cristãos têm uns pelos outros e pelo mundo devem poder exprimir-se na liturgia: pelo perdão mútuo dos pecados, pelo beijo da paz, o oferecimento dos dons destinados às refeições comunitárias e à distribuição aos irmãos necessitados, pela acolhida fraterna de todos no pluralismo das posições políticas, sociais e culturais...

VII. A Eucaristia, missão no mundo

25. A missão não é uma simples conseqüência da Eucaristia. Cada vez que a Igreja é verdadeiramente Igreja, a missão faz parte de sua vida. Na Eucaristia, a Igreja é plenamente ela própria e se encontra unida ao Cristo em sua missão.

26. O mundo já está presente na ação de graças ao Pai, quando a Igreja fala em nome de toda a criação; no memorial em que, unida a Cristo redentor e intercessor, ela reza pelo mundo; na invocação do Espírito, onde ela espera a santificação e a nova criação.

27. Reconciliados na Eucaristia, os membros do corpo de Cristo tornam-se servidores da reconciliação entre os homens e testemunhas da alegria da Ressurreição. Sua presença no mundo implica a solidariedade no sofrimento e na esperança com todos os homens junto dos quais são chamados a se comprometer para significar o amor de Cristo no serviço e na luta. A celebração da Eucaristia, fração de um pão necessário à vida, incita a não consentir na condição dos homens privados de pão, de justiça e de paz.

28. A Eucaristia é também a festa da contínua messe apostólica em que a Igreja se alegra pelos dons recebidos no mundo.

(3) *Eucharisticum mysterium* (25 de maio de 1967), nn. 49 e 50.

VII. A Eucaristia, banquete do reino. (4)

29. É para o tempo situado entre sua ascensão e sua volta que o Senhor instituiu a Eucaristia. Este tempo é o tempo da esperança, eis por que a celebração da Eucaristia nos orienta para a vinda do Senhor e não-lo torna próximo. Ela é uma alegre antecipação do banquete celeste, quando a redenção estará plenamente cumprida e que toda criação estará libertada de qualquer servidão.

30. Sendo assim, ao lhe dar a Eucaristia, o Senhor permite à Igreja que, na sua fraqueza, viverá até o fim no meio dos sofrimentos e dos combates, retomar coragem e perseverar.

31. Esta Igreja que Cristo nutre ao longo de sua marcha discerne, por cima de todas as divisões que nela persistem, que o encontro escatológico é um encontro ecumênico quando Israel e todas as nações serão reunidas em um só povo.

IX. A presidência da Eucaristia

32. Cristo, na Eucaristia, reúne e alimenta sua Igreja convidando-a à refeição que ele preside.

33. Esta presidência tem por sinal a de um ministro que ele chamou e enviou. A missão dos ministros tem por origem e por norma a dos apóstolos; ela é transmitida na Igreja pela imposição das mãos com a invocação do Espírito Santo. Esta transmissão implica a continuidade do encargo ministerial, a fidelidade ao ensino apostólico e a conformidade da vida ao Evangelho. (5)

34. O ministro manifesta que a assembléia não é proprietária do gesto que está cumprindo, que ela não é dona da Eucaristia; ela a recebe de um outro, Cristo vivo na sua Igreja. Ainda que permanecendo membro da assembléia, o ministro é também este enviado que significa a iniciativa de Deus e o laço da comunidade local com as outras comunidades na Igreja universal.

35. Por suas relações mútuas, a assembléia eucarística e seu presidente vivem a própria dependência para com o único

Senhor e Sumo Sacerdote. Na sua relação ao ministro, a assembléia exerce seu sacerdócio de realeza como um dom de Cristo sacerdote. Na sua relação à assembléia, o ministro vive sua presidência como um serviço de Cristo pastor.

X. Conclusão

36. A esta etapa de nossa busca, damos graças por terem sido afastadas as dificuldades fundamentais que se refere à fé eucarística.

37. Reconhecemos no entanto que esclarecimentos se tornam necessários sobre a permanência da presença sacramental e a figura precisa da sucessão apostólica no ministério. Parece-nos que toda participação comum à Eucaristia exige um esforço real para sobrepujar estas dificuldades e, eventualmente, de um e outro lado, o abandono de tudo o que traz a marca da polémica no seio das posições confessionais.

38. O prosseguimento de nossa busca deve enriquecer-nos ainda dos valores espirituais complementares de que vivemos. Não esgotaremos nunca a inteligência de um mistério que sobrepuja toda a qualquer compreensão e nos convida sem cessar a sair de nós mesmos para viver na ação de graças e no encantamento diante deste dom supremo de Cristo à sua Igreja.

XI. Recomendação

39. Pergunta-se hoje, freqüentemente, qual, o grau de acordo na fé, requerido para permitir a acolhida de um cristão por uma outra Igreja na sua mesa eucarística. Sem pretender resolver aqui as outras questões em jogo nos diferentes casos de abertura eucarística, pensamos que o acesso à comunhão não deveria ser recusado, por uma razão de fé eucarística, aos cristãos de uma outra confissão que a fé acima professada. (6)

40. Eis por que pedimos às autoridades de nossa Igreja de considerar com atenção a situação nova criada por este acordo eucarístico, no discernimento dos pedidos de hospitalidade que lhes são dirigidos.

(6) Estes cristãos nem por isso estão dispensados de examinar se seu pedido é legítimo, em função do valor de seus motivos e da disciplina de sua própria Igreja.

(4) Cf. *La Cène du Seigneur*, texto adotado pelas Igrejas luteranas e reformadas da França.

(5) Cf. tese n. 2 de 1968.